



Um hydro-aeroplano abastecendo-se de gazolina no mar alto

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Peretra Villela.*

DIRECTOR

*Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

*Extranjeiro* — Um anno, 3\$000.

**Numero avulso, 60 reis**

**Numero 150**

Braga, 13 de maio de 1916

**Anno III**

# Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



**Põem**  
o nosso  
**catalogo**  
**illustrado**  
**com 143**  
**gravuras,**  
**que se**  
**enviam**  
**gratis.**

— **PORTO** —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —



**Aos nossos**  
**trabalhos**  
**foram**  
**concedidos**  
**os mais**  
**alto pre-**  
**mios nas**  
**Exposi-**  
**ções In-**  
**dustriaes**  
**Portugue-**  
**zas de 1887**  
**e 1897.**

— **GUARDA** —

Representante  
depositarlo  
**CASA SUCENA**  
Rua Heliodoro Salgado



[Specimen d'uma escultura em madeira executada nos nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiçaes, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA e a fornecedora das principues casas con-**  
**generes no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Conti-**  
**nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Peetra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yellows

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de maio de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 150—Anno III



Cardeal Lorenzelli

(Phot. de Cav. G. Felici)



Razão e sentimento

QUEM o não sabe? Nos povos muito mais do que nos individuos, a lueta entre estes dois elementos, entre estas duas forças poderosissimas, é toda a sua vida. Fria, hierática, cordante, a razão domina com um pezo de bronze. Malleavel, fazendo de um nada um momento, de um traço solto um perfil, de uma côr um quadro, de um rasgo uma epopeia, sem ferir, sem pezar, mas profundo, mas enleante, mysterioso, formidavel, o sentimento empolganos ou lêva-nos pela mão como a um velho uma creança! Quem vence? A razão? Mas a razão não é muitas vezes a realidade. E fóra da vida não é possível existir. O sentimento? Mas no turbilhão das paixões o homem é apenas a poeira fuga que por vezes um derradeiro raio de sol ainda vem doirar esmaecidamente...

E esgota-se a ampulhêta do Tempo, e a lueta permanece cada vez mais feroz, cada vez mais parecendo insolúvel uma alliança equilibradamente pactuada entre razão e sentimento. O bom senso, aquelle gênio pratico de viver, torna-se dia a dia menos commum. A cada passo é facil topar um exagerado nervoso, ou natural fão ausentes do que em redor d'ellas se passa, que, reduzindo tudo á geometria dos sillogismos inventados para uso proprio, mais parecem andar *mettidas por dentro*, como de certas vozes dizia Rodrigues Lobo na *Côrte da Aldeia*...

Os povos só vivem pelo sentimento. Só atravez d'elle lhe desabrocham as ideias. E quanto mais em crise estiver um povo, maior predominio terá sobre elle o sentimento, que é afinal toda a sua alma fundindo todo o seu temperamento, embellezando-o. Aquellas vozes ignoradas que em certas alturas da historia veem para os povos, são afinal manifestações do sentimento da raça, e como o instincto da conservação é apuradissimo nas multidoes, raras vezes, sob o ponto de vista nacional, aquellas vozes não fallam a verdade! São as vozes, os echos das tradições praticas. E' o rumo da sua historia dictado pelas mysteriosas forças imponderaveis da raça aos governos que superiormente lhe dirigem os destinos! O interesse nacional não é nada de theorico nem de aprioristico. Os homens publicos verdadeiramente grandes são aquelles que se integram na corrente tradicional do paiz, aquelles que melhor a sabem comprehender, aquelles que fazem sua a vontade dos povos. Contrariá-la é matar ao nascer ou em plena vida a arvore nacional; a verdadeira fé patriótica está em confiar no destino da propria raça. E' ella o maravilhoso

thesouro dos heroismos, a mola impulsora dos sacrificios esplendidos que agora vemos e admiramos na bella França, na fria e contumaz Allemanha, e ao qual se deve essa página gloriosa da defeza da Belgica, feita pelos belgas, só pelos belgas, note-se bem!

A lueta da razão com o sentimento tem hoje n'este conflicto exemplos e lances vivissimos, e todos os neutraes de hontem, ha pouco belligerantes, deviam medital-os, para não correrem os riscos dos errados passos. E' que *ninguem* vae para a guerra por um motivo, intellectual, arrastado pela razão. Para nos imolarmos pela patria é preciso que *sintamos* essa abnegação como uma reclamação das instinctivas energias nativas, que não são, nem podem sêr a mesma coisa que as energias de cálamo de certos plumitivos que quotidianamente fallam em nome da opinião publica para tudo, quando esta se divorciou d'elles por completo, ou as energias de lingua de certos politicos que fazem da ideia sublime da patria a cobertura dos seus particulares interesses.

A guerra é um choque de forças moraes, disse-o ha pouco Gustavo Le Bon e é verdade. Só se batem bem os soldados que *sentem* a necessidade de bater-se, só se erguem como um homem em defeza do proprio sólo, os povos que se *sentem* feridos. E o povo, as nações são como as creanças: é preciso que o perigo directamente os ameace concretisado n'um facto palpavel e fulminante para que a reacção nacional de defeza ou de offensiva se opêre e elabore. O povo não comprehende as tricas da diplomácia espéculativa, as combinações tortuosas das chancellarias. Quando se *sente* ultrajado, não é preciso que lh'o digam as gazêtas nem os discursos: elle levanta-se logo nos assomos das cóleras sagradas, escutando nas sylabas da palavra mágica da patria formidaveis accents de vingança. Por isso, toda a vez que um povo é atirado para a guerra sem que o *sinta* como um decreto do seu destino fatal, esse povo vae triste, não canta: é a mesnada dos servos, não a cohorte dos heroes da lenda; é a massa confusa de innocentes que a metralha devora, é um rebanho callado de melanchólicos e de descrentes que, suppondo inevitavel a morte da sua terra, querem morrer antes d'ella, para não soffrer com ella os espasmos e as ralas e os delirios torturantes das agonias trágicas.

Quando eu vejo as gazêtas e os discursos a sobrepõem-se á vontade expressa da nação receio logo que ella não se bata bem, receio logo a catástrope.



A razão! O sentimento! Ainda ha pouco eu ouvia um brilhantissimo espirito da nossa terra, exclamar depois de lèr um artigo em que se explicava a necessidade *racional* de combatermos ao lado da Inglaterra — Que pena eu não o *sentir* embora o raciocinio seja exacto...

F. V.

## VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

### Lady nervos

**M**EU amigo: Tenho dez minutos para lhe escrever Volto d'um chá-tango, e tenho logo ainda, a secã d'um jantar, em casa da nossa abominavel Madame de T... Amanhã, o meu dia, é todo cheio de visitas, de compras, de futilidades — não terei um minuto de meu.

Acabei de vestir-me espero o auto. Você é incorrigivel! Ha quanto tempo não escreve. Nunca vem ver-me e creia, eu sou talvez a sua melhor amiga, a que melhor o entendo, a que melhor o desculpo. Ainda hontem, o lembrei, ainda hontem, fallei de si e tive que defende-lo. A Dôres Carvalho, a Trude, remechiam-lhe na vida, chamavam-lhe sensaborão. Indignei-me. Primeiro todas dissemos mal — tres mulheres juntas, não sabem fazer outra coisa — mas depois, tive que conte-las: mordiam de mais. Mas ellas afinal tem razão. A sua vida hoje, embuçada, sumida n'essas serras longinquas, affigura-se-nos insuportavel como um acto cobarde de resignação, de fraqueza, de submissa transigencia. Nós queremos vêr sempre os homens cheios d'energia e de coragem, luctando, soffrendo, vivendo, por uma ou por uma causa mulher ou por uma ideia, por uma causa ou por uma flôr, mas vivendo firmes a sua vida de lucta. Ahi n'essa solidão a sua vida é vasia, inutil. Sumiu-se dentro das suas recordações, resignou, transigiu. E' um excesso de vaidade que lhe não assenta bem; é pretencioso, é embirrento querer-nos parecer tão vivido, tão cheio de recordações, que bastem para espirital incentivo à sua existencia. Ninguém viveu o bastante para se resignar e essa immodestia d'um passado, para temperar a tranquillidade do presente, é pretenciosa, é irritavel para nós eternas insatisfeitas, insaciaveis da vida, complicadas inquietas, cheias de caprichos e d'ambições.

O que faz você n'esse longinquo lugar entre essas arvores, essas flôres, esses rios mono-

tonos, essas pontes lamuriando á tarde, essas paisagens regulares, lavadas, com côres de mau gosto e nuvens theatraes irritantes?

Eu adoro as flôres, nas estufas, nas jarras, nos solitarios, creio-as indispensaveis á decoração d'uma sala, á galanteria d'uma mulher, mas detesto-as na simplicidade d'um canteiro geometrico, cercado de buxo ou de *gazon*. A regularidade d'um jardim irrita me tanto como a regularidade da vida. O campo, que horror! Essa solidão faz pensar, essa paz concentra, peza, faz discorrer. Birr!.. Você conhece-me, eu sou incapaz de ler um livro que me faça pensar um minuto, supportar uma peça que me sugira uma ideia.

Para mim a vida é a superficie das coisas, é o tumulto, a incerteza, o ruido, a grita das multidões, a musica confusa das ruas, o busidos autos, o silvar estridulo das sirenas, a confusão, o estridor desordenado da vida. Só a comprehenda assim, nervosa, irregular, incerta entre caprichos, entre intrigas, miserias dôres, alegrias, commoções, toda a nervosa farandola da vida moderna, entre rendas e joias, á luz scenographica dos lustres, na vertigem dos autos, na indecisão deliciosa do dia seguinte, a mecher-me, a aturdir-me a cantar-me afinal um dia, uma noite, sem um momento vago, nas festas, nos theatros, nos passeios, para adormecer tranquilla, sem uma ideia, sem uma preocupação, sem uma saudade. E' por isso que eu não comprehendo o seu isolamento, que não percebo como você que fez a mesma vida, farandoleou na mesma desordenada correria, pôde supportar essa quieta, pacifica existencia, pôde aguentar essa monotona insipida vida. Vergou, transigiu, pactuou com essa monotonia, por vontade ou por obrigação? Se é a necessidade, que lhe impõe essa vida vejo com pesar que fraquejou mas se pelo contrario a sua nova existencia é imposta por uma razão que não devo rebuscar, como pôde a sua vontade forçar o seu character, dominar o seu feitio, impor-se a si proprio, para assim ousadamente intransigir com os seus habitos, os seus desejos, as suas predilecções. Diga, esclareça; quero sabe-lo ou um forte ou um cobarde. Meu pobre amigo, fuja d'essa existencia. A bem ou a mal com ella, trabalha na sua desgraça. Perde-lo-ha essa vida vazia e, afinal, pensando bem, a minha existencia é tão inutil, tão vazia como a sua!.. Chamam-me; chegou o auto. Vou faze-lo lembrado no jantar insipido da nossa abominavel Madame de T... Sinto-me bem. Ponho pela primeira vez o meu vestido azul. E' um amor; veio hontem de Paris. Beije-me a mão. Adeus... X.



# Padre Antonio Vieira



padre Vieira luctou, quanto pôde, e como pôde — se não excedeu em valentia o que ha a esperar do homem mais forte e firme — contra os incorrigiveis auctores de tantas calamidades.

Sempre energico na defeza da boa justica, a sua caridade ministrou-lhe forças prodigiosas n'aquelle combate, e não houve armas honestas e dignas de que não lançasse mão para conter os despotas, corruptos e corruptores, e para defender os Indios, esmagados e envenenados por quem tinha o poder e d'elle abusava com monstruosa impunidade.

Mas os inimigos do Bem dispunham de recursos quasi invenciveis. Era d'elles o ouro, era d'elles o prestigio terrivel da força encapotada na lei.

Com elles, estava um alliado certo, o vicio, e, multimodo como elle é, proporcionava mil elementos de depravações que debalde se profligavam com pregões e exemplos de virtude.

O padre Antonio Vieira penetrou completamente o abysmo. Devia continuar, sósinho, na terrivel lucta?

Bastaria elle, com os seus heroicos padres, para pelear tão victoriosamente como convinha, ao fim de accudir depressa às almas dos gentios que desejava ir procurar nas suas ignotas brenhas?

Pois não havia tantas centenas de leguas a percorrer, tantos milhares de selvagens a descobrir e a christianisar?

Deviria perder mais tempo com os maus catholicos que eram os representantes de el-rei, se lhe era possivel decerto vibrar-lhes um golpe profundo que os desarmasse, obrigando-os a deixa-lo passar, de Cruz alçada, levando triumphalmente o puro christianismo aos serfões mais invios e abandonados?

Vieira ouviu a consciencia, e ouviu todos os seus missionarios. Concluíram, com firmeza, cheia de logica, que devia partir Vieira para Lisboa, mas secretamente, porque a audacia dos criminosos não hesitaria diante das maiores violencias, ao ser ameaçada por aquella certa integração da boa justica.

Foi nas vesperas de partir para o Reino, que Vieira prégou o seu momental sermão de Santo Antonio. Este sermão, tão celebre e pela como que para phrase-e sublime-que o eminente prégador faz ao outro immortal sermão de Santo Antonio de Lisboa aos peixes, ganha grande brilho de conceito, se o lermos á luz dos tristes factos que vimos contando.

Que pungidas, que inexprivelmente verdadeiras de dor, se impõem as palavras d'aquella passagem, muito repassada da amargura de

Jesus-Cristo, ao censurar a dureza dos filhos de Jerusalem.— *Ah! moradores do Maranhão quanto a vós podera agora dizer n'este caso! Abri, abri estas entranhas, vede, vede este coração. Mas, ah! sim, que me não lembrava: eu não prégio a vós, prego aos peixes!*

\*

Em junho de 1654 embarcou para Portugal. Trouxe comigo dois padres.

Não lhe faltou, ainda desta vez a provação da tempestade na viagem. Perto da ilha do Corvo, o navio recebeu um verdadeiro assalto de ventos e ondas. O perigo foi immenso. Foi arrebataada a vela do traquete, O bórdo direito submergiu-se nos vagalhões espumantes. No outro bórdo se agglomeraram os tripulantes, vozeando lastimas.

O panico de todos era o de quem se julga perdido sem remedio. No meio, porém, p'aquellas faces lividas, illuminadas dantescamente que por olhares allucinados que espelhavam almas sem esperanza, emergiu o rosto calmo de Vieira que a todos confessava e absolvia, fallando-lhes da pequenez d'aquelle oceano de furias diante da Eternidade.

E, confortados todos, o grande Missionario volveu olhos de fé á misericordia divina, clamando, de joelhos, ouvindo-o todos de mãos erguidas, emquanto as vagas espumavam e reboavam, prometendo pleno naufragio;— *Anjo da guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vai este navio buscar o remedio e salvação d'ellas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que a não merecemos, mas áquellas tam desamparadas almas, que temdes a vosso cargo, olhai que aqui se peraeem tambem connosco.*

Depois, pediu a todos que rezassem o terço á Virgem, e immobilizou-se como quem espera um milagre. E o milagre veio. Um quarto de hora, e carregado de assucar até ás escotilhas, esteve o navio deitado nas ondas sem solsobrar e, livre do peso dos mastros, deu uma volta, como se tivesse reciocinio, e ficou aprumado e salvo, recebendo novamente em si os que tivera no costado.

Mas se todos se julgaram logo livres de perigo, pelo que ergueram: mil acções de graças ao Senhor, já seguros do milagre, o Piloto e alguns marinheiros receavam sempre um sinistro. O navio não tinha mastros, nem velas, nem enxarcia. A paragem era perigosa, celebre pelas tempestades. E, n'isto, surgiu-lhes ao longe outro navio, mas, desapparecendo com vertigem phantastica, pareceu levar com sigo a ultima esperanza. E anoiteceu. E a nau ficou entregue aos ventos e ás vagas, sem leme, sem rumo, como que sem consciencia.

(Continúa.)

JOSÉ AGOSTINHO



# Nós e a guerra



*A instrução militar preparatoria*



*A nossa artilharia*



Lisboa—Almirante The Felis, chefe da missão inglesa acompanhado dos snrs. capitães Ivens Ferraz e Blech, na visita ao Arsenal de Marinha

## Um benemerito



**D**EU-SE ha dois annos, em Manãos um acontecimento alarmante que toda a imprensa commentou com indignação. Um assassino tentára alvejar a tiros de rewólver um abastado capitalista e honrado commerciante. Instantes depois, acotovelava-se na residencia do bemquisto cidadão que ficára levemente ferido, a multidão, dos que iam felicita-lo.

Foi nessa occasião que eu tive a honra de lhe ser apresentado sob a designação de *patricio* e desde então fiquei conhecendo o commendador Joaquim Gonçalves Araujo, cuja benemerencia é conhecida de toda a capital e Estado amazonenses.

Deve-lhe muito o governo do Estado, a superintendencia Municipal e até a Diocese do Amazonas.

Tem o seu nome ligado ao progresso das Prefeituras Apostolicas do Alto Solimões, do Tefe, do Rio Branco e do Rio Negro.

A sua modestia corre parelhas com tanta grandeza moral.

A' missa das 5 ou das 7 horas, na Cathedral de Manaos, onde tem grande applicação a sua immensa caridade, é preciso estar muito habituado para o descortinar lá ao fundo no meio da rude colonia dos póveiros.

A amizade é n'elle um culto permanente que nem a morte é capaz de extinguir. Tive a felicidade de viajar com elle no mesmo vapor. Ao chegarmos ao Funchal convidou-me a acompanhá-lo n'uma visita que queria fazer em terra. Era para conhecermos a habitação mortuaria de Monsenhor Hypo-

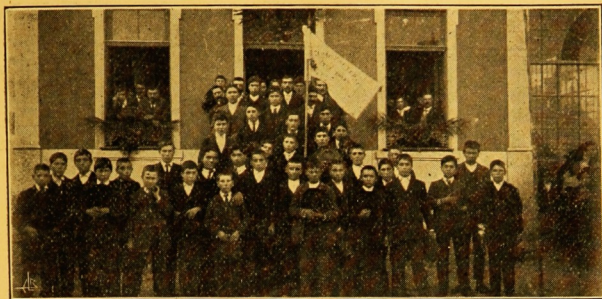
lito Costa de quem fôra amigo.

E' enternecido pela familia. N'uma d'estas conversações a bordo, em que mais falla o coração, falando dos seus filhinhos admiraveis o seu enlevo de pae fê-lo commover até ás lagrimas. Que bello caracter! Quem na terra da patria não conheceu, como eu, senão amigos fingidos, não poderia tambem deixar de se com



Aspecto do cortejo, quando este se dirigia para a escola no dia da distribuição do premio correspondente ao anno de 1914-1915.  
+ Commendador Joaquim Gonçalves Araujo





1—O Curso Nocturno de «José Rosas»

2—Penafiel. O Compascuo em casa do snr.

J. P. Mendes Leal—ao Calvario  
3—A visita paschal

(Photos. de Braz F. S. Meirelles)



mover perante uma tal nobreza de sentimento. Mas não é tudo.

Na referida viagem mostrou-me o relatório d'uma escola fundada por elle na terra da sua naturalidade, em Estella, concelho de Póvoa de Varzim. É uma escola de aulas nocturnas para todos os analfabetos da sua terra, frequentada por 80 individuos desde 10 até 50 annos.

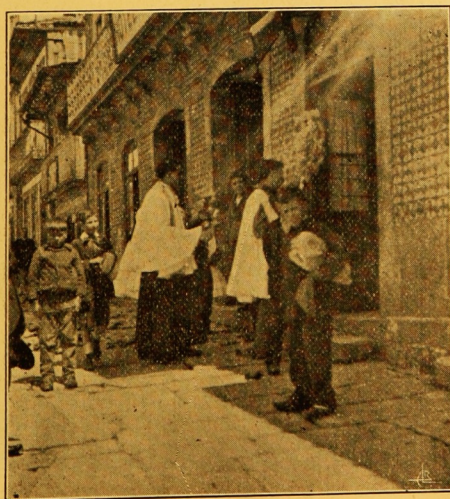
As photographias representam o Curso Nocturno «José Rosas», com os seus alumnos.

Não foi possível adquirir o seu retrato nem o do seu poderoso auxiliar que é o professor da escola, sr. Padre João José de Faria.

Venerando amigo! Se a essas regiões do Amazonas, te chegar a noticia de que ousei offender-te a modestia com devassar-te os arcanos da alma, rogo-te que me desculpes, porque não foi por amor de ti que vim a publico, mas para que taes exemplos sirvam de incentivo a muitos, que, tambem poderiam concorrer para o maior desenvolvimento da civilização, engrandecimento da patria e aperfeiçoamento da humanidade.

Porto, 27 de abril de 1916.

P.º CESAR AUGUSTO GARCIA.



## Meu Amôr

No livro de Hamilda.



POR DURO DA SILVA (RUBO).

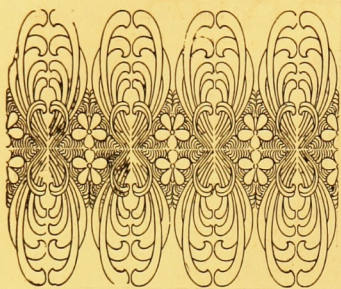
«Veio Deus collocar-m'a no caminho»  
Por onde eu caminhava succumbido.  
Bem crente de não ter inda nascido  
Alguem que me tratasse com carinho.

Julgava-me, no mundo, já sósinho:  
Sentia-me da vida tão vencido  
Que, por ver-me depressa confundido,  
«Veio Deus collocar-m'a no caminho.»

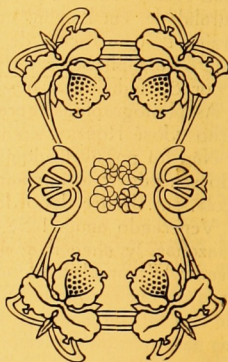
Minh'alma era limada pela Dôr,  
Senão quando,—escutando-me o Senhor  
Na hora em que eu chorava a solidão,—

Creança que, no Ceu, era um anginho  
«Veio Deus collocar-m'a no caminho»  
E eu trago-a agora junto ao coração.





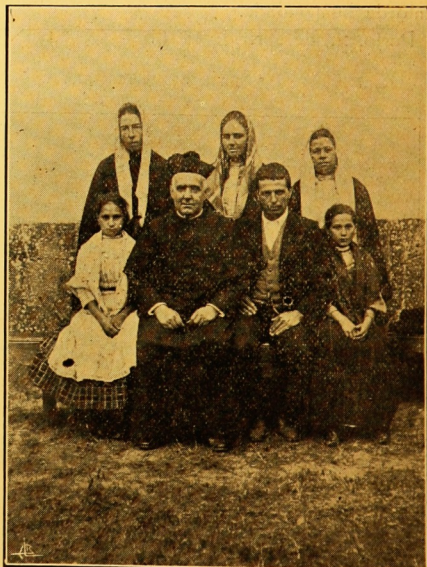
*Penafiel—Egreja do Calvario—O povo saindo d'um sermão*



## CANIDELLO — Villa do Conde



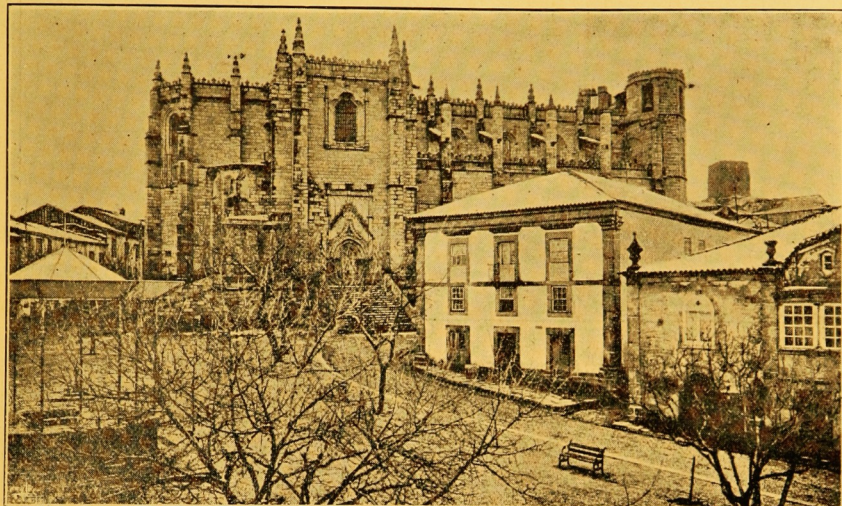
*Abade Manuel Domingos de Souza e creanças da catechese*



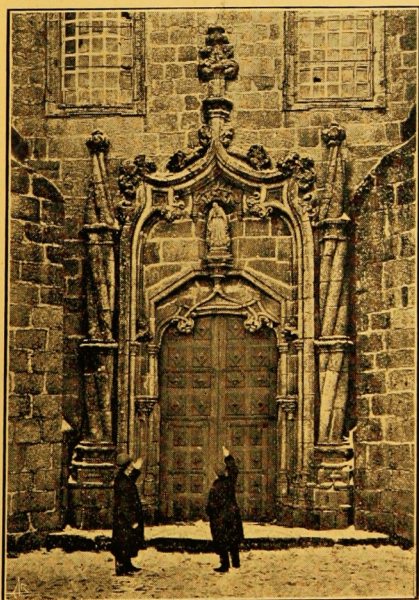
*Os catechistas*



# CIDADE DA GUARDA



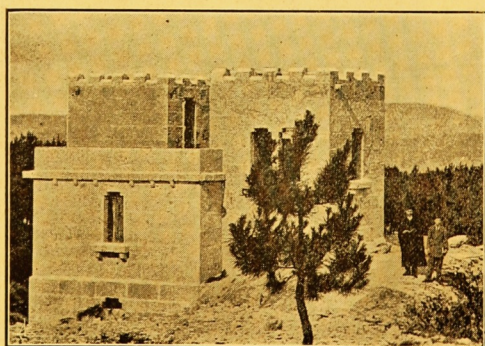
*Praça de Luís de Camões e Sé*



*Portico da Sé*



*Egreja da Misericórdia*



1 — Largo de Serpa Pinto e rua Alvaro Roçadas.

2 — Largo João Almeida.

3 — Serra da Estrela. A guarda da matta.





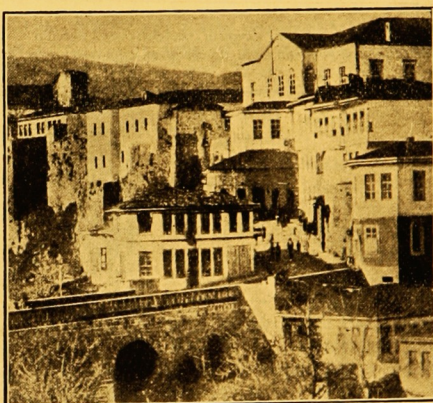
*A rainha da Belgica visitando um hospital militar*



*Lon-res—A conferencia de Mr. William Morris Hughes, primeiro ministro da Australia.*



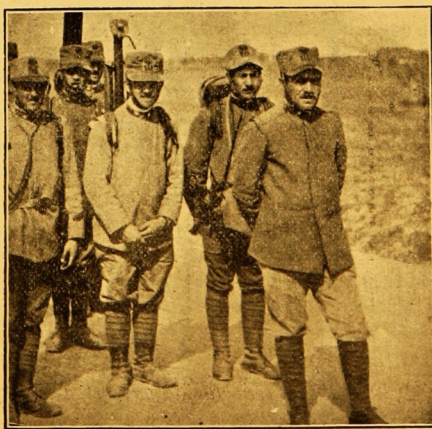
*Ainda a viagem de Asquith á Italia.—Asquith trocando impressões da viagem com Victor Manuel rei d'Italia, em Carnia*



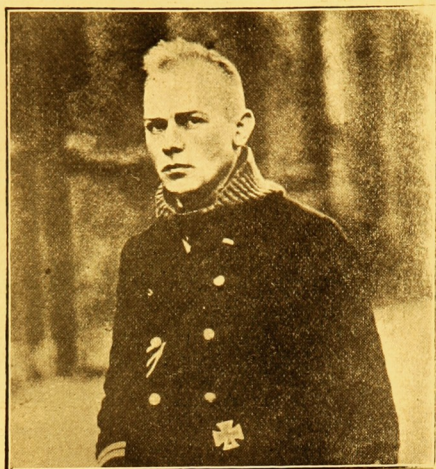
*Uma vista de Trebizonda cidade turca, ultimamente tomada pelos russos*



*Os ingleses em Salonica.—Soldados construindo fortificações com saccos de areia*



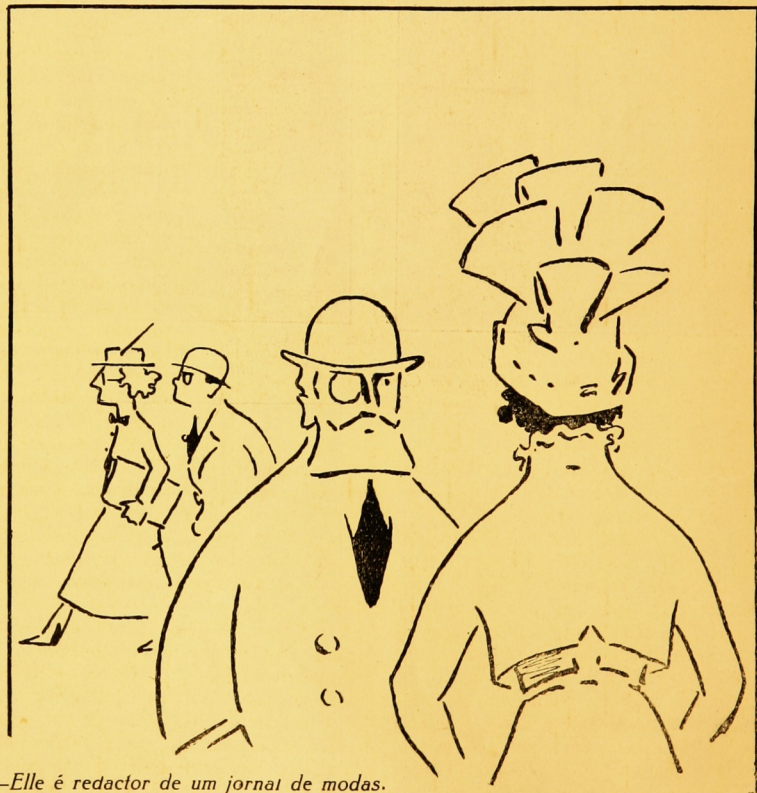
*Um batalhao de infantaria italiana a caminho da linha de fogo*



O desastre do dirigível «L. 15.» — O capitão Breithaupt, commandante do dirigível, com a cruz de Ferro



O segundo commandante tenente Kuhne



— Elle é redactor de um jornal de modas.  
— E ella?  
— Escreve artigos politicos para um jornal democratico . . .

Walter  
1916

# Um centenario

## Cervantes e o "D. Quixote,,

**P**ASSOU no dia 23 de maio findo o terceiro centenario da morte de Miguel Cervantes Saavedra (1547-1616.) A guerra não permittiu que a celebração d'esta memorativa festa tivesse em Hespanha a grandeza projectada, e todas ou quase todas as homenagens foram proteladas a tempos mais bonancosos. Não passou todavia despercebida a dacta do centenario, e por toda a parte, na Allemanha, na Italia, na França, na Inglaterra, em Portugal, como na patria do *Manco del Lepanto*, do creador immortal do *D. Quixote*, a mesma voz vibrante de saúdação irmanou os espiritos que o sangrento conflicto d'esta hora conturba e scinde.

Cervantes não é só a maior gloria do pensamento hespanhol, é um verdadeiro genio latino, uma das mais altas glorias do pensamento humano.

N'aquella opulenta Sevilha da Renascença, taça onde se despejava do bojo das náus o ouro rútilo das Indias, faustuosa côrte do luxo, da arte e do amor, onde a aventura galã ou rufanesca era alentada pelo emporio do commercio internacional, alli, na veridica capital da grande Hespanha d'outros tempos em que, na imagem épica d'esse assombroso poeta da eloquencia patriótica que é Vasques de Mella, se poderiam vêr «vêr os terços da Flandres a travéz das *Lanças de Velasquez*», alli, ao mesmo sol triumphal da cavalleiresca e ardida Andaluza, como Murillo, Tirso e Lope de Vega, recebeu sua immortal inspiração Miguel Cervantes, surgiu como synthese e balisa maravilhosa do ideal e da vida, termo entre o mundo phantastico da cavallaria e o realismo do mundo contemporâneo, um dos grandes mytos da humanidade: o *D. Quixote*. Um estudo da existencia de Cervantes, errante e varia, leva-nos hoje a poder detalhar com maior ou menor precisão toda a gênese do *D. Quixote*. Como a Vidente de Avila que por assim dizer teve como berço da florescencia esplendente dos seus mysticos arroubos de amor, as pági-



nas dolorosas do grande livro da vida,— assim Miguel Cervantes, do seu cargo nas commissões de abastecimento da Armada que o punha em contacto com as mais diversas condições sociaes, pôde escutar todo o contradictorio das aptidões humanas, todo o entrecho que das paixões brutaes em que estremezia a alma ardente da sua raça aventureira, e palpar assim toda a elaboração que, já sob o jugo pautado e forte, equilibrado e sereno do humanismo resurgente, se ia fazendo nas tradições e nos sonhos, nos rasgos e nos idyllios de todo o mundo medioevo a adular-se. A ideia do *D. Quixote* fuzilou como um relampago na mente do seu auctor. Mas a preparação longa da obra impercível fez-se no decorrer das experiencias vividas por Cervantes

e que foram para elle como um largo curso de psychologia e sociologia experimental, e uma inexgotavel palêta de coloridos. «De lugar em lugar, de vereda em vereda, diz uma illustre escriptora hespanhola, exercendo o impopular officio do arrolamento do trigo e do azeite para a armada; disputando e altercando com arrieiros, carregadores, carroceiros, aguazis e correedores, camponios aparvoados ou manhosos, ou truões resingantes; rebuscando nas bolsas de labregos, esviando celleiros de monopolisadores, agitando e cortando o somno dos aldeões ricos, condemnando a ganancia dos usurarios avâros, provocando protestos e indultos de rústicos villões, soffrendo injustiças, prisões, excommunhões,— assim se forjou na adversidade e se enriqueceu de realidades preciosas o maior escriptor da Hespanha», assim tomou as formas immortaes do mytho e os tons inapagaveis dos symbolos, diremos nós, o *D. Quixote*!

E que dão esse ideal cavalleiro andante e esse Sancho positivo e immodeiro, na sua caminhada longa e perlinaz, onde os conceitos da mais funda sciencia de viver desabrocham, ao estalar dos episodios de um comico irrisivel? Não cabe nas curtas páginas d'esta revista, nem nas proporções d'este esboçeto, acompanhar e commentar sequer tudo quanto a tal respeito se tem dicto e escripto. Symbolo profundo da natureza humana, *D. Quixote* é uma

synthese de contradições flagrantes que a caracterizam. Dentro d'elle se agitam em luta o individualismo anárchico e um mundo que reclama, na hora superior da formação e engrandecimento das nacionalidades, a unidade de todas as aspirações.

No seu esplendido discurso ao celebrar-se o 3.º Centenario da publicação da primeira parte do *D. Quixote*, disse o saudoso e grande Menendez y Pelayo: «Não foi dos menores acertos de Cervantes o ter deixado indecisas as fronteiras entre a razão e a loucura e dar as melhores lições de sabedoria pela bocca de um allucinado. Com isto não entendia elle trocar a intelligencia humana nem muito menos escarnecer do heroismo que no *D. Quixote* nunca é ridiculo, antes optimo e são pela forma harmónica e adequada como auctor quer realizar o seu ideal. ...Um falso conceito da actividade é que perturba e enlouquece a *D. Quixote*, o põe em luta temeraria com o mundo e torna esteril toda a sua virtude e todo o seu esforço. No conflicto da liberdade com a necessidade, *D. Quixote* succumbe por falta de adaptação ao meio, mas a sua derrota é apenas apparente, porque a sua aspiração generosa permanece integra e vêr-se-ha cumprida n'um mundo melhor, como a annuncia a sua morte, tão serena e tão christã.»

*D. Quixote* é pois, o rico e o bom senso abraçados para sempre. Como alraz notamos, elle não resume em si toda a Hespanha do *Renacimiento*, do apogeo das conquistas. Em parte, contradi-la, *D. Quixote*, contendo muito da sua raça, creado no meio d'ella, foi adornado pela inspiração romantica e poética de Cervantes, com todas as qualidades do sêr humano. Só assim se explica que, ao contacto ou em frente das concupiscencias utilitarias da época, no meio da eclosão de apêlites e paixões brutaes, a parte sã da sua alma brote irresistivel já sob a forma de conceitos sensatissimos, profundos, já em honradas defezas da justiça contra a tyrannia, da pobresa contra a exploração dos ricos. E Sancho? Sancho é a obra de *D. Quixote*, a prova prática do ideal do cavalleiro que depura naquella materia tósca do camponio boçal um claro entendimento das coisas e dos homens, servido pela pratica da vida e pela bondade e doçura d'um coração simples, entendimento e sentimentos que se manifestam na sua malicia innocente, nas suas exposições excellentes e na naturalidade ingénua de maximas acertadissimas.

Já no trecho anteriormente citado, Menendez y Pelayo faz vêr quanto a ideia christã do-

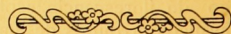


Os artistas francezes e o «*Quixote*»  
«*O retablo de Pablillos*» estampa de Coypel

miina em toda a figura de *D. Quixote* e dá como epilogo á sua carreira de aventuras uma morte tão bella. Assim era de esperar de um genio como foi Cervantes. Certos cervantistas ignorantes procuram apresental-o como um livre-pensador acerrimo, inimigo da Igreja, victima da Inquisição. Rodriguez Marin, porventura o mais auctorizado dos criticos de Cervantes, já destruiu esta refalsa da lendada perseguição inquisitorial que todavia, o sr. dr. Theophilo Braga ainda admite, lamentavelmente. Apenas queremos frisar sobre aspecto catholico de Miguel Cervantes, dois factos: durante o seu captivo na Africa, diz o dr. Rosa, *se occupava muchas veces en componer versos en alabanza de nuestro Señor y de su bendita madre*; Cervantes teve por protectores o christianissimo Conde de Lemos e o piedoso Cardeal Arcebispo de Toledo D. Bernardo de Sandoval y Rojas, e como confrade, da Congregação do SS. Sacramento, dil'o insuspeitamente Ramon Máiner, cumpriu tão devotamente as suas obrigações «que nas actas o incluem entre os 30 senhores que com tanto zêlo e devoção accudiam ás festas e ao mais que na congregação se offercia.

Eis terminadas as notas que nos propuzemos dar aos leitores da *Illustração*, prestando o nosso obscuro contributo na homenagem a Cervantes que não devêra estender-se apenas á sua patria mas a todo o mundo culto, porque olhou o auctor do *D. Quixote* não é sómente o *principe de los ingenios de España*, mas uma gloria da raça latina e do pensamento humano, como ainda ha pouco disse um illustre pensador allemão.

FRANCISCO VELOSO.





# Amuletos de guerra



POR EDUARDO DE NORONHA.



**S**ORRIEM os espiritos fortes, riem os espiritos fracos, meditam, reflectem e raciocinam aquelles a quem é dada essa nobilissima faculdade intellectual. E' a fé a poderosa alavanca que ergue montanhas, é a fé que nos ampara nos momentos difficeis da vida, é a fé que nos salva ante a nossa consciencia, moralmente, a miude, e não raro physicamente, é a fé que nos transmitta a suprema coragem no instante angustioso e repleto de ancieo do passamento, é ella que transmitta o seu extraordinario e mysterioso poder aos amuletos, aos bentinhos, aos talismans.

Censuram os puritanos, adversarios do cultualismo, o uso que fazem os seus proselytos de certas insignias, medalhas, indulgencias, etc. Ora na presente e horrorosa guerra teem sido encontradas a diversos militares allemães, prisioneiros, feridos ou mortos, originarios da Prussia rhenana e da Westphalia, varias *Himmels Crief* as «cartas do céu». Algumas d'ellas contem formulas magicas, bem como a indicação das condições em que esses meios sobrenaturaes chegassem ao conhecimento dos homens.

Eis algumas amostras d'esses verdadeiros amuletos :

«Todo aquelle que deitar sangue pelo nariz ou fôr ferido por qualquer arma, só tem a applicar sobre o nariz ou sobre o ferimento um papel no qual estão escriptas as palavras seguintes, e immediatamente o sangue deixará de correr: «Bin norfensbertens, nomen, Sebresch, Heronewent, Jesus Maria, Joseph.

«Esta formula poderosa foi encontrada em 805 no tumulo de N. S. Jesus Christo. Como o imperador Carlos Magno ia entrar em campanha, o Papa enviou-lh'a de França. O imperador mandou-a gravar em letras de oiro no seu escudo.

«Todo aquelle que reze ou ouça rezar esta oração e lhe junte um «Padre-Nosso» fica livre de morte violenta e não pôde ser envenenado. Uma parturiente que a recite terá uma hora feliz. Se o marido collocar esta formula do lado direito do recém-nascido, a creança pôde considerar-se livre de desgraça para sempre.

«A benção do Senhor incide sobre todos que copiem esta fórmula e que a levem de porta em porta.

«Quem zombar d'esta fórmula será amaldiçoado e o raio cahirá sobre a sua casa. Emfim quem ler ou ouvir ler esta formula será prevenido por um signal, que apparecerá no céu trez dias antes da sua morte..»

São innumerables as lendas que existem na lutherana e calvinista Allemanha a tal respeito e que na guerra actual correm com mais intensidade e fervor.

Assim por exemplo :

•  
•

Um nobre, ligado á pessoa do conde de Flandres, commettera um crime e fôra condemnado á morte pelo seu senhor. O verdugo encarregado da execução não pôde nunca cortar-lhe a cabeça nem mesmo fazer-lhe o menor ferimento. Este facto excitou ao mais alto grau a surpresa do conde e de outras pessoas presentes á execução. O criminoso foi intimado a explicar este milagre: A força de instancias, e depois do conde lhe prometter a vida salva, confessou o seu segredo e tirou de um saquinho que trazia ao pescoço um bocado de pergaminho no qual estavam escriptas as letras: Z. K. B. D. W. K.

O conde, relata a tradição, permittiu aos presentes que as copiassem e elle proprio firou uma copia.

Em Valmy, o rei Frederico da Prussia, acompanhado de varios generaes, passeava tranquilamente debaixo de uma saravada de projecteis. Dois sargentos, de cabellos grisalhos, entabulam a seguinte conversação:

—Vês além o nosso rei?

—Vejo, e as balas zumbem em redor d'elle como bezouros.

—São capazes de o matar!

—Pateta! Não é possível.

—Porquê?

—Porque uma bala de ferro ou de chumbo nunca mata um rei.

—Mas conta-se que tem havido reis mortos pelo inimigo.

—Tens razão, camarada, mas foram morrer por balas de prata ou de ouro... Demais os reis da Prussia teem ainda outro privilegio: são involucráveis. E por isto que durante a guerra dos Sete annos, o velho rei Frederico tirava das algibeiras cheias punhadas de balas, e que detinha e agarrava as balas com o seu chapéo.

Isto é contado por Laukhard nas suas curiosas *Memorias* sobre essa guerra e affirma que ouviu o dialogo que reproduz.

Continúa.



# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



**A**LLEXANDRE Magno foi consultar o oráculo de Delphos, mas a sacerdotisa não quiz attende-lo por ser esse dia aziago. O famoso conquistador, insoffrido e molesto da recusa, agarrou d'um braço da Sacerdotisa para obriga-la pela violencia.

—Sois invencivel, filho!

A estas palavras da Sacerdotisa largou-lhe o braço e retirou-se, dizendo: Isso me basta.

### As caixas de Simonides

A Simonides pediu um fidalgo, com promessa de grandes honras, uns versos. O poeta respondeu:

Tenho duas caixas, uma para dinheiro e a outra para honras e attenções; quando abro esta só encontro fumo e vento, quando abro a outra acho tudo o que preciso para meu regalo.

### O desterro de Themistocles

Themistocles foi banido de Athenas e refugiou-se na Persia, onde o rei o cumulo de attenções e riquezas. O illustre atheniense disse, significando que é muitas vezes proveitoso o desterro, aos amigos que com elle foram:

—Amigos, estavamos perdidos se não nos perdessemos.

### Desterro de Aristides

Desterrado de Athenas, dizia Aristides:

—Sejam tantas as prosperidades na minha patria, que não tenha necessidade de mim!

Ao fim de tres annos era Aristides chamado do desterro para acudir a Athenas ameaçada por Xerxes.

### As adversidades

Dizia Pittaco:

—E' de varões prudentes prever as adversidades primeiro que succedam; e de fortes, quando acontecem, soffre-las com constancia.

### Viuva fiel

Valeria, insigne matrona romana, recusou passar a segundas nupcias.

—Porque para mim está sempre meu marido vivo.

### Viver e morrer

Perguntaram a Callicrátidas:

—Porque é que os homens illustres estimam mais morrer com honra que viver com affronta?

—Porque o viver é de bons e maus, mas o morrer bem só acontece aos bons.

### Generosidade na vingança

Costumava dizer um discreto fidalgo:

—Tres bens desejo aos meus inimigos: pedir mas que lhe deem, pleitear mas que vençam, jogar mas que ganhem.

### Como tratar os amigos?

Perguntaram a Aristoteles:

—Como devemos tratar os amigos?

—Como elles nos tratarem.

### Da verdade á mentira

A Tháles Milesio perguntou um discipulo:

—Que distancia vai da verdade á mentira?

—A que vai dos olhos aos ouvidos.

Assim é, só devemos dar credito ao que se vê e não ao que se ouve.

### Cousas dificeis

Dizia o philosopho Chilon:

—As tres cousas que ha no mundo mais dificeis, são: guardar segredo, uzar bem do ocio, soffrer aggravos.

### Prudente e forte

Pitaco aconselhava.

—E' prudente o que prevê o mal para que não venha, é forte o que o tolera com paciencia quando vem.

A falta de felicidade no povo é causa da sua immoralidade.—*Stael*

• • •

Ha duas cousas que revivem no coração do homem quando avança em idade: a patria e a religião.—*Chateaubriand*.

TITO FLAVIO.